Mia Couto – Raiz

Não é o viver que me cansa.

É o não haver morto
que, em mim, não ressuscite.

De tal modo
que não encontro morte que seja minha.

Alheio e distante
se tornou o fim que trago em mim.

Longínqua a fonte
onde bebi a luz até ser pranto.

O meu sonho
vai lavrando noites
e não há fundura na terra
que receba o meu sono.

A casa
segue a vocação da asa.

E eu,
para ser feliz,
esqueço-me que sou raiz.

Mia Couto, Vagas e lumes